

CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Jéssica Dalcin da Silva

SÉRIE
EXTENSÃO





CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Jéssica Dalcin da Silva



1.ª Edição



**Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão - UFSM
2022**

**Reitor**

Luciano Schuch

Vice-Reitora

Martha Bohrer Adaime

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisbôa Filho

**Pró-Reitora de Extensão Substituta
Cultura e Arte**

Vera Lucia Portinho Vianna

Desenvolvimento Regional e Cidadania

Jaciele Carine Sell

Articulação e Fomento à Extensão

Rudiney Soares Pereira

Subdivisão de Apoio a Projetos de Extensão

Alice Moro Neocatto

Taís Drehmer Stein

Vinícius Lüdke Nicolini

Subdivisão de Divulgação e Eventos

Aline Berneira Saldanha

Revisão Textual

Laura Lopes

Projeto Gráfico e Diagramação

Reginaldo Martins Barbosa Júnior

Natássia Gabaia

O48c Oliveira, Valeska Maria Fortes de
Cinegrafando a educação [recurso eletrônico] : até onde a sétima arte
pode chegar / Valeska Maria Fortes de Oliveira, Jéssica Dalcin da Silva.
– 1. ed. – Santa Maria, RS : Ed. UFSM, Pró- Reitoria de Extensão, 2022.
1 e-book : il. – (Série Extensão)

ISBN 978-85-67104-76-8

1. Escola 2. Formação 3. Imaginário I. Silva, Jéssica Dalcin da
II. Título.

CDU 791.43:37
37.017

CONSELHO EDITORIAL

Prof^ª. Adriana dos Santos Marmori Lima

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof^ª. Olgamir Amancia Ferreira

Universidade de Brasília - UnB

Prof^ª. Lucilene Maria de Sousa

Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof. José Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

**Prof^ª. Maria Santana Ferreira dos Santos
Milhomem**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof. Olney Vieira da Motta

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro - UENF

Prof. Leonardo José Steil

Universidade Federal do ABC - UFABC

**Prof^ª. Simone Cristina Castanho Sabaini de
Melo**

Universidade Estadual do Norte do Paraná -
UENP

Prof^ª. Tatiana Ribeiro Velloso

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
- UFRB

Prof. Odair França de Carvalho

Universidade de Pernambuco - UPE

CÂMARA DE EXTENSÃO

Flavi Ferreira Lisbôa Filho
Presidente

Vera Lucia Portinho Vianna
Vice-Presidenta

José Orion Martins Ribeiro
PROPLAN

Marcia Regina Medeiros Veiga
PROGRAD

Denise Teresinha Antonelli da Veiga
CCS

Monica Elisa Dias Pons
CCSH

Andre Weissheimer de Borba
CCNE

Suzimary Specht
Politécnico

Marta Rosa Borin
CE

Luciane Sanchotene Etchepare Daronco
CEFD

Marcia Henke
CTISM

Adriano Rudi Maixner
CCR

Graciela Rabuske Hengdes
CAL

Andrea Schwertner Charao
CT

Tanea Maria Bisognin Garlet
Palmeira das Missões

Fabio Beck
Cachoeira do Sul

Evandro Preuss
Frederico Westphalen

Regis Moreira Reis
TAE

Elisete Kronbauer
TAE

Suélen Ghedini Martinelli
TAE

Isabelle Rossatto Cesa
DCE

Daniel Lucas Balin
DCE

Jadete Barbosa Lambert
Sociedade

PARECERISTA AD HOC

Mirian Martins Finger

Cartilha aprovada em sessão ordinária da Câmara de Extensão no dia 03/09/2021.



APRESENTAÇÃO

Apresentamos aqui os movimentos de criação extensionista entre a Universidade Federal de Santa Maria e a Escola Municipal Professor Sérgio Lopes, mediados pelo GEPEIS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social, do Centro de Educação. A motivação para fazer uma cartilha narrando os processos de constituição da Escola Professor Sérgio Lopes teve duas inspirações: primeiramente, foi a de deixarmos um documento-memória para a Escola, já que temos trabalhado juntos em ações de extensão-formação há alguns bons anos. Uma Escola com a qual desenvolvemos, em parceria, um documentário em plena pandemia, intitulado "Da minha janela". Com esta cartilha, temos um documento com o qual a escola possa socializar com cada pessoa da comunidade, contando de como chegou onde está hoje.

A segunda inspiração foi a escrita da tese da doutoranda Jéssica Dalcin da Silva, que movimentou recordações-lembranças e a reescrita do Projeto Politico-Pedagógico da Escola, com um envolvimento que nos faz ainda mais parceiros, enquanto grupo de pesquisa (como GEPEIS), de uma Instituição que tem uma proposta educativa que faz a diferença na cidade e na escola pública municipal.

Boa leitura,
Prof^{fa}. Valeska Fortes de Oliveira.



SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | SÉRGIO LOPES...ESCOLA PROFESSOR SÉRGIO LOPES (E.M.E.F.), SANTA MARIA..... | 9 |
| 1.1 | MARCA DA E.M.E.F. PROFESSOR SÉRGIO LOPES: MAIS UMA PARCERIA QUE FORTALECE A IDENTIDADE DA ESCOLA..... | 19 |
| 1.2 | ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR SÉRGIO LOPES: UM CASO DE AUTONOMIA PELA CIDADANIA | 21 |
| 1.3 | MAS... QUEM FOI O PROFESSOR SÉRGIO LOPES?..... | 25 |
| 2 | UMA ESCOLA E UMA PONTE; UMA ESCOLA É UMA PONTE | 31 |
| 3 | PROJETO CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO E A PARCERIA COM O OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS..... | 34 |
| 4 | CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO – EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM CINEMA | 35 |
| 4.1 | ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR? . | 35 |
| 4.2 | ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE CHEGOU? | 43 |
| 5 | E A PANDEMIA? | 49 |
| 6 | DEPOIMENTOS DOS BOLSISTAS | 55 |
| 7 | APRENDENDO E DESAPRENDENDO COM O | |

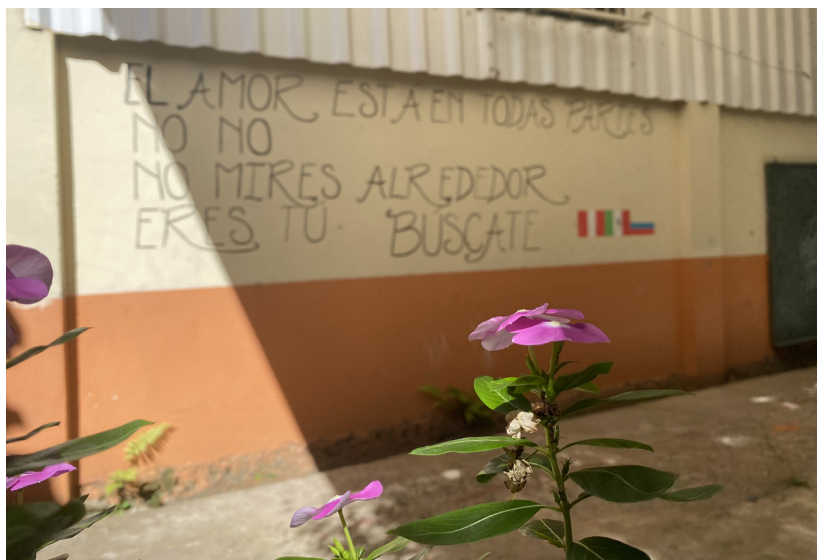
| | | |
|----------|---|-----------|
| | CINEMA NA ESCOLA – ALGUMAS MEMÓRIAS, TANTOS DESAFIOS... | 58 |
| 8 | A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL NOS ANOS INICIAIS: APRENDER A FAZER, FAZENDO! | 63 |
| | REFERÊNCIAS | 69 |

1 SÉRGIO LOPES... ESCOLA PROFESSOR SÉRGIO LOPES (E.M.E.F.), SANTA MARIA

Valeska Fortes de Oliveira

Sérgio foi um companheiro militante no Partido dos Trabalhadores (PT), a quem sempre respeitei por suas posições determinadas e emancipatórias. Convivi com ele no final dos anos 1980 e início de 1990, e quando conheci o espaço educacional que leva o seu nome, compreendi um pouco mais sobre a importância das pessoas escolherem os nomes e fazerem as suas homenagens, no espaço de uma cidade com mais sentido e significado. Como formadora do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (CE-UFSM), numa das disciplinas que, no currículo do curso de Pedagogia Diurno, congregava todos os professores do semestre, chamada pelo apelido de PED, convidamos a Escola para falar da sua proposta, e tivemos uma bela surpresa. A diretora e a vice-diretora, mulheres que eu já conhecia de eventos educacionais na cidade e já admirava – dividiram suas falas com estudantes que estavam emocionados de falarem numa aula da UFSM. Tive, por um momento, a sensação de que aquilo que conhecia e já tinha ouvido sobre a Escola da Ponte, em Portugal, estava também sendo exercitado numa escola do nosso município. As crianças confirmavam o protagonismo tão sonhado pelos educadores e por propostas de educação emancipatória.

Figura 1 - A Escola e suas poesias pelas paredes



Fonte: Jéssica Dalcin da Silva.

Fomos com a turma da PED visitar a Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Professor Sérgio Lopes, a minha alegria aumentava por ver professoras, porque enxergava a força delas como mulheres que se reinventaram em um espaço educativo sem muitas condições ou recursos. Gosto de registrar a explanação que fizeram em um espaço onde a luz era menor, com um *datashow* projetado em um lençol, como uma parede branca. Projetos, muitos com a UFSM e outros tantos com outras instituições e pessoas que circulavam a todo tempo na escola. Uma escola com pedagogia de projetos. Uma escola onde os professores eram convidados por serem diferentes e para fazerem

a diferença. Continuamos nessa parceria entre a universidade e a escola e, em um determinado momento, uma dissertação no ano de 2017 elegeu o espaço Sérgio Lopes e seus professores, em um dos turnos de trabalho, como co-autores em um projeto de formação continuada com cinema. Nesse momento, a concepção de formação configurava-se com a exibição de filmes, documentários e debates acerca dos conteúdos de gênero, etnia e classe social, propostos no projeto da mestrandia Gabriella Eldereti Machado. Muitos efeitos foram produzidos em nós por essa vivência que, muitas vezes, por falta de tempo maior com os professores, não produziu uma experiência formadora. O tempo, o tempo... sempre o tempo. O tempo calendário, o tempo relógio, o tempo significado. O *Chronos* e o *Kairós*, diferentes nomes gregos para o tempo que vemos, ou não, passar no tic-tac da vida, nomes tão significativos no campo do imaginário para o qual nos dedicamos.

Entramos na Escola em 2018, com a proposta do cinema-criação. Já em contato com a professora Lilian Roberta Ilha Saccol que abre sua sala de aula não somente para um trabalho com o GEPEIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e imaginário Social, UFSM) e as crianças da turma, mas com um envolvimento intenso desenvolve também a sua dissertação sobre essa experiência. As oficinas com as crianças foram desenvolvidas pelas bolsistas do GEPEIS, Karoline Regina Pedroso da Silva, Samara Facco, Viviane Meili, Bianka de Abreu Severo e, por um tempo mais curto, Rafael Salles Gonçalves e Gabriel Beiró, ampliando a cada ano para outro grupo vindouro. As oficinas foram mobilizadoras

de produções que crianças e adolescentes puderam mostrar no momento de encerramento das atividades.

No ano de 2018, tivemos um seminário na Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSM, com mestrandos(as) e doutorandos(as), intitulado *O cinema e o homem imaginário*. A proposta foi que o trabalho final da formação em cinema e educação fosse um projeto de formação continuada com professores. A escola eleita – Professor Sérgio Lopes. No momento das oficinas com as crianças, durante um dia da semana pela manhã, os professores também faziam a sua formação em cinema e educação, e produziram, igualmente, participando da concepção de cinema-criação, em uma outra linguagem, dentro da escola. Sensação de ano e experiência formadora completos. O movimento universidade-escola-universidade e os projetos de ensino, pesquisa e extensão caminhando juntos.

Figura 2 - Frente da E.M.E.F Professor Sérgio Lopes com a quadra para os alunos



Fonte: Jéssica Dalcin da Silva.

A Pró-Reitoria de Extensão (PRE) ampliou os seus editais, e começamos a participar também do Observatório em Direitos Humanos com um tema que a escola já estava trabalhando – mulheres que admiramos – e a questão de gênero volta, novamente, para o nosso foco. No primeiro edital unimos o GEPEIS, a Escola Professor Sérgio Lopes e a Casa Círculo, com uma proposta de espaço sustentável na cidade de Santa Maria, para a realização da nossa Mostra de Produções Audiovisuais. Momento inesquecível.

Cinegrafando... Cinegrafando a educação... Cinegrafando a educação em contextos emergentes... e me vem à mente a pergunta do menino feita à toupeira, na bela obra de Charlie Mackesy intitulada *O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo* (2020), “Será que existe uma escola para a gente desaprender?”. Conversando com o menino, eu responderia: sim. Uma escola com cinema, uma escola com projetos, uma escola que desmonta um pouco a rigidez do tempo e da rotina.

Mais um ano, mais uma vez, editais. E sempre com a parceria da Escola Professor Sérgio Lopes. Outros amigos... A Escola ganha o professor Daverlan. Vem com ele o desejo, também, de trabalhar com cinema na sala de aula como a professora Lílian. Outras aprendizagens. Nosso grupo, as crianças e a comunidade escolar começam por instituir a cultura da audiodescrição. Daverlan, um presente também para o GEPEIS.

Cinegrafando mais um ano; Cinegrafando e Direitos Humanos. Não constitui-se numa tarefa difícil pensar em qual das linhas do Edital de Direitos Humanos

da Pró-Reitoria de Extensão (PRE) podemos projetar as nossas ações. Em quase todos os itens visualizamos realizações que, nesse momento do GEPEIS, aparecem mediadas pela sétima arte e pela linguagem audiovisual, no horizonte de uma escola que acolhe projetos. Estamos construindo uma história juntos(as) e, assim, iniciamos o ano de 2019, participando dos editais e sempre visualizando um pouco mais o campo da criação e da realização das oficinas com crianças e com jovens estudantes que participam de forma diferenciada desses projetos.

Alguns professores, participantes da formação continuada, mais sensíveis a outra linguagem e também com o desafio de continuidade da nossa formação. O protagonismo da Escola, no entusiasmo das professoras Vanessa Medianeira da Silva Flôres e Andreia Schörn, movimentou também o projeto do Cine Renascença, onde participei como convidada, mas também como pessoa implicada com o trabalho de cinema na escola. Motivo de orgulho para a comunidade trazer um espaço cultural e a escola poder proporcionar às pessoas que não têm acesso às salas de cinema a experiência da exibição em um coletivo. Fiz esse intervalo para pensar a nossa participação na escola, projetando aqui uma retomada, pois, criar a ideia de exibição e debate a partir da experiência de um cineclubes demandará tempo para projetarmos, juntas, visualizando o melhor filme, o tempo, as condições, a participação, entre outros elementos, para que algo que se deseja instituir comece com o sabor de “quero mais!” e de “quando será a próxima exibição?”.

Figura 3 - A Escola, enquanto cenário, se esvazia no período pandêmico, e passa a acontecer nas casas dos estudantes e professores



Fonte: Jéssica Dalcin da Silva.

Eis que 2020 inicia, e visualizamos no panorama internacional um vírus que começava a produzir um cenário de doença mortal. Passamos da realidade presencial para a virtual, a máscara como um ornamento que passou a ser parte do nosso corpo; o álcool gel, uma rotina que não pode ser esquecida, sob pena da nossa contaminação e dos outros. Como pensar ações de extensão na Escola Professor Sérgio Lopes, mediada pelo cinema? Como pensar em oficinas na frente dos nossos computadores, tendo em vista que grande parte das crianças e jovens da Renascença não teriam acesso nas suas casas? Chegamos em determinado momento a pensar num carro com telão que passasse nas ruas do Bairro Renascença. Sonhamos com esse projeto que logo

nos trazia à realidade da aglomeração não recomendada, fazendo-nos desistir de imediato. Participamos dos editais e, assim que ganhamos novos bolsistas nos projetos, geramos um subgrupo dentro do GEPEIS, que tinha sua própria formação, ideias e autorias, para que as atividades fossem realizadas com o apoio e o auxílio dos professores que planejavam conosco.

Muitas aprendizagens. Nossa imaginação teve que funcionar com todos os tipos de avaliações e criatividade, para que as atividades fossem compreendidas e vivenciadas no tema “O que vejo da minha janela”. E, com isso, o sonho de um documentário começa a ser sonhado coletivamente. Fotografias, materiais das crianças, produzidas nos desafios das atividades enviadas pelo grupo, juntamente com as outras dos professores da Escola... O que vemos das nossas janelas? O que vemos juntos, professores da Escola Sérgio Lopes e o GEPEIS. Foram muitas aprendizagens, inclusive, geracionais. No cenário, os encontros presenciais vão ficando cada vez mais distantes. O exercício das reuniões entre os professores, nossos bolsistas e alguns participantes do GEPEIS, que vêm participando das ações de extensão, desde que começaram a participar do grupo. O ano de 2021 ainda com o isolamento social e novos editais.

Em um dos encontros remotos, onde avaliamos o que estava acontecendo desde 2020 e as outras possibilidades que ainda não tínhamos experimentado ou antevisto, juntos começamos a visualizar o documentário. Mas uma concepção criativa foi gestada na ideia de “pílulas”, que pudessem reconstruir o que já tinha sido

feito presencialmente, em outros anos, pelas crianças e pelo Grupo, e que esses recebessem nas suas casas como dispositivos mobilizadores de outras aprendizagens. Nossa ideia era apoiar os demais professores da Escola, no fortalecimento da ideia do retorno da atividade, mesmo sem a presença do professor. Que momentos difíceis! Como precisamos da presença, do encontro na educação de crianças e jovens! Como produzir imagens numa comunidade privada do acesso à alimentação, a bens culturais e a uma infraestrutura que permita criações por parte dos estudantes?

Na mesma reunião, troco ideia com o grupo de um catálogo que seja organizador das memórias do trabalho de produção audiovisual realizado nesses anos todos na Escola Professor Sérgio Lopes. Como gosto de participar ativamente daquilo que provoqueei, fiz o convite a um integrante do GEPEIS, professor André Dalmazzo, para que se juntasse a nós e trouxesse uma bolsista para a parte de geração de conceitos. André não hesitou, agradeceu e na semana seguinte já havia convidado uma aluna do Desenho Industrial para participar de uma reunião e ouvir o que estávamos sonhando juntos. O catálogo começa a tomar vida, muitos materiais começam a ser organizados, relatórios, fotografias, depoimentos. Reuniões começaram a acontecer e surge, então, um projeto de memória para que, num país onde o esquecimento é, muitas vezes, cultivado, pudéssemos reconstruir para nós e a comunidade com a qual trabalhamos, o que já vivemos e experienciamos como Escola e Universidade.

Nossas motivações e movimentos com muitas ideias são para um ano ou mais de trabalho. Mobilizados por um outro edital de apoio da PRE da UFSM, que viabilizaria o nosso sonho, como um primeiro desenho e possibilidade de sistematizar toda a produção desses anos, compartilhamos o que já tínhamos no acervo individual de cada um e no do grupo, passando do sonho à materialidade. Assim, temos vivido esses vinte e oito anos de existência do GEPEIS, transformando o nosso espaço e os nossos encontros em produções criativas e afetivas. As pontes aproximam, mas não podemos deixar que sejam cotidianamente derrubadas pela invisibilização, e por isso, este projeto: compondo a cidade de Santa Maria no que ela pode mais, aproximando o arco que separa a UFSM da ponte que separa a Renascença.

1.1 MARCA DA E.M.E.F. PROFESSOR SÉRGIO LOPES: MAIS UMA PARCERIA QUE FORTALECE A IDENTIDADE DA ESCOLA

Grupo de Alunos do Curso de Desenho Industrial, UFSM,
Orientados pelo prof. Máucio

Figura 4 – Símbolo



**Escola Municipal de
Ensino Fundamental
SÉRGIO LOPES**

Fonte: Manual de Identidade Visual da E.M.E.F. Professor Sérgio Lopes.

A marca foi composta por símbolo e logotipo, que está localizado logo abaixo da imagem. O símbolo constituiu-se dentro de um círculo amarelo claro para dar maior globalidade e facilitar para aplicações. No centro do círculo está o pássaro com as asas abertas de forma

simétrica na cor terracota. As asas do pássaro possuem cortes que aumentam o tom de leveza e liberdade, como se ele pudesse sair voando. Acima da cabeça do pássaro há três elipses de mesma cor que representam os raios do sol. O símbolo possui dois elementos principais que resumem algumas características centrais da escola. O pássaro de asas abertas transmite a ideia de liberdade, podendo voar livremente e cada vez mais alto. O que é um incentivo para as crianças da escola irem atrás de seus sonhos e objetivos, e não se limitarem ao “chão”. Foi inspirado também na natureza que rodeia a escola. As três elipses em cima do pássaro remetem à luz do sol, às chamas e à ideia de calor, sendo a luz um símbolo de conhecimento e aconchego.

Para o logotipo foi usada a fonte Baloo Bhai na sua forma regular, na cor terracota. Ele se encontra abaixo do símbolo, sua forma é arredondada para acompanhar o desenho do símbolo. O nome da escola “Sérgio Lopes” está com a fonte maior para dar mais visibilidade, porém ela está adequadamente alinhada com “Escola Municipal de Ensino Fundamental”. As cores utilizadas são o terracota e o amarelo claro, que combinam com a ideia de natureza e aconchego, também estão associados à ideia de calor, assim como os raios do sol. A marca procura transmitir uma mensagem de esperança, leveza, renascimento e conquista de objetivos.

1.2 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR SÉRGIO LOPES: UM CASO DE AUTONOMIA PELA CIDADANIA

Jéssica Dalcin da Silva

A atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Sérgio Lopes tem a sua origem com o nome Escola Vila Renascença, sua construção foi iniciada em janeiro de 1978 e sua inauguração em 07 de outubro de 1978, com 200m² de área construída em terreno doado à Prefeitura Municipal pelo Sr. José Carnelosso, o responsável pela olaria da comunidade. A comunidade era uma ocupação, para a qual esse senhor forneceu tijolos para que as pessoas construíssem suas casas. Depois, ele também fez a doação da olaria para os irmãos maristas, que atuavam na comunidade, para que construíssem um prédio melhor, e se responsabilizassem pela manutenção da estrutura, assim como por ministrar as aulas para a comunidade. Em ata da oficialização da entrega da obra:

Em 07 de outubro de 1978, o Lions Itararé inaugurou a Escola Vila Renascença, em conjunto com a Prefeitura Municipal de Santa Maria. Estiveram presentes a este importante acontecimento diversas autoridades, entre as quais o Sr. Prefeito Municipal Dr. Osvaldo Nascimento da Silva, Sr. Miramal de Matos - Vereador, Sr. Eloi Tavares

Borges - Secretário de Educação do Município, Sr Dario Leal da Cunha - Presidente da Câmara de Vereadores, Dr. Arnildo Muller - Vereador, Sr. João Gilberto Lucas Coelho - Deputado Federal, Dr. Cezar Augusto Shirmer - Deputado Estadual, Loracy Wolle de Lima - Vereador e o Eng. Máximo Knafuss - representando a Construtora responsável pela Obra recém inaugurada. Entre os companheiros do Itararé presentes ao ato inaugural estavam o CL João Eduardo O. Irion, Waldomiro Manenti, José Denardin, Dimas Cardoso Alves, Clóvis Bornemann, Adelmo Simas Genro, Vacile Zimmermann, Elio Dornelles Ferreira, Eduardo Almeida e Irany Andrade Machado. Após o hasteamento das Bandeiras usou da palavra a Sra. Maria da Glória Ramos Muller, Diretora da Escola, que destacou a preocupação do Lions Itararé e da Prefeitura Municipal em levar àquela comunidade o ensino fundamental e a mensagem de conforto aos que mais necessitavam. A seguir, falou em nome do Lions Itararé o CL João Irion, que fez um breve retrospecto da criação do Serviço Leonístico que se comemora todos os anos, de 8 a 10 de outubro. E naquele ato, a Prefeitura e o Lions Itararé, em conjunto, comemoravam o Dia Mundial do Serviço Leonístico. Para o Lions, mais do que uma inauguração, significava o cumprimento de um ano leonístico. Por fim, congratulou-se com a Prefeitura, responsável direta pela execução da obra, por ter ouvido o apelo do Lions Itararé pedindo ajuda em favor daquela vila, de onde, no futuro, sairão melhores brasileiros (LIONS CLUB Santa Maria).

As empresas de alimentos de Santa Maria jogavam, no arroio Cadena, as latas de produtos vencidos. As famílias viviam destes alimentos, as crianças entravam no rio para buscá-las. Por outro lado, a hora do recreio na escola permitia que o lanche ou a refeição fosse entregue a quem pedisse, e fazia-se fila na porta da escola. Durante cinco anos, até 1983, a Escola esteve sob a administração da Prefeitura Municipal de Santa Maria. Após, passou a ser conduzida pelos Irmãos Maristas, com mudança do nome para Escola São Luiz, indo até janeiro de 2001. Foi, então devolvida à Prefeitura Municipal, que reassumiu o controle a partir desse momento, conforme registros do Lions Club Santa Maria sobre a ocasião.

Figura 5 - Casa que deu origem à escola Vila Renascença, em julho de 1977, segundo registros do Lions Club Santa Maria



Fonte: Lions Club Santa Maria.

Nesta oportunidade, a escola foi renomeada pelo então prefeito Valdeci Oliveira, que homenageou o colega militante que fora o primeiro candidato à prefeitura de Santa Maria, pelo PT, nos anos 1980. A atual diretora da escola, a professora Andreia Schorn, recorda: “a escola foi reinaugurada porque os maristas não tinham mais interesse em manter ela, dada a dificuldade de acesso na comunidade. Os maristas optaram por manter as suas atividades na (Vila) Santa Marta”. Quando questionada sobre a permanência ou saída de docentes, reconhece a ação profundamente social que cria a tessitura – e eventuais tensões – no espaço escolar. Diz a Professora Andreia que:

Saem a escola aqueles professores que não concordam em trabalhar gênero, racismo, feminismo... Aqueles que saem por questões da vida, pode-se contar em uma mão. Quando não reconhecem racismo, ou questionam o porquê das salas com nomes de mulheres. Quando tu te lanças em fazer uma outra Educação, as tuas concepções têm que ser firmes. Isso mantém o perfil da escola: está no projeto político-pedagógico. Sai quem não acredita nas concepções de uma escola que quer – e é – anti-racista e feminista.

1.3 MAS... QUEM FOI O PROFESSOR SÉRGIO LOPES?

Jéssica Dalcin da Silva

Sérgio Lopes, nascido em 4 de setembro do ano de 1950, cresceu no interior, no que hoje seria a região que liga o centro de Santa Maria ao bairro Camobi. Na ocasião, existiam grandes lotes de terras agricultáveis, nas quais trabalhava a família de Sérgio. Em entrevista ocorrida dia 29 de março de 2021, via aplicativo de mensagens em áudio, o sr. Jairo Lopes, irmão de Sérgio, narra a infância simples e de como acabou por se afastar do irmão na juventude, quando foi estudar em São Paulo para seguir carreira militar.

Sérgio tinha dois anos a mais que Jairo. A infância nos anos 1960 era marcada por brincadeiras na rua como jogos de futebol na grama. Durante as férias, chegavam os primos da cidade, andavam a cavalo e o time de futebol aumentava. Ajudavam os avós na lavoura, coisa que não gostavam muito, mas faziam por ser o certo. A mãe deles, Lucila Maria Vicentine Lopes, ainda viva, enviuvou aos 33 anos de idade, e o esposo não deixou nenhum tipo de propriedade ou pensão. Com quatro filhos – Sérgio, o mais velho; Jairo, o segundo mais velho e duas irmãs menores – e sobrevivendo de costuras que fazia para a vizinhança, tornou-se mais adequado que dona Lucila voltasse a morar com os pais.

Figura 6 - Professor Sérgio Lopes, em fotografia que está na sala da Direção da Escola



Fonte: E.M.E.F Professor Sérgio Lopes.

O terreno em que moravam, que como referência atual, é onde hoje está o clube Costa da Montanha, permitia que brincassem fora, onde pescavam e caçavam pequenos animais. Eram felizes, embora humildes; a mãe passou a costurar para a loja Empório Doméstico, cujas atividades encerraram no início dos anos 2000, e a clientela mais segura permitiu que a família pudesse fazer alguns planos. Sérgio queria continuar os estudos; Jairo gostaria de ir morar fora. Eram bons alunos, procuravam não dar preocupação em casa, mas também não se envolviam com questões financeiras nessa fase – ainda tinham menos de 15 anos – embora, naquela época, fosse mais simples alguém querer trabalhar com 12 ou 13 anos.

Assim, Sérgio foi morar na cidade, no bairro Nonoai, onde duas tias solteiras, irmãs do pai, moravam juntas. Anos depois, Jairo também morou com elas. O objetivo era sair de casa e ter um trabalho que pudesse ser levado junto dos estudos, com proximidade geográfica de escola, moradia e emprego. O primeiro trabalho de Sérgio foi como frentista no, então, Posto Biazus, esquina das ruas Serafim Valandro e Venâncio Aires, com cerca de 14 anos. Depois, Sérgio trabalhou como balconista na loja Empório Doméstico e cuidava do próprio sustento, ainda ajudando a mãe, se necessário. Já mais próximo aos 18 anos, preparava-se para ingressar na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no curso de Educação Física.

Jairo saiu da cidade aos 16 anos, para estudar. Nesse período, foi morar em São Paulo e perdeu o contato com o irmão. Quando sabia de Sérgio, era pela mãe que dizia estar tudo bem, que o filho seguia estudando, tendo auxiliado em uma secretaria do Diretório Central dos Estudantes (DCE), na parte de divulgação de iniciativas ligadas ao Esporte na cidade de Santa Maria. Ainda não se tratava de uma militância, mas do desenvolvimento de uma aproximação com causas sociais, motivado pela possível mudança que o esporte poderia realizar em alunos em situações de desamparo social, em especial junto de áreas menos urbanizadas.

O pai de Sérgio, o sr. Segundinho Lopes, era brizolista; tinha viés político, e tanto Sérgio quanto Jairo, eram chamados para irem juntos à Camobi, ajudar o pai a panfletar e colar cartazes. A mãe conta a história

de uma festa na casa dos avós, em que estavam fazendo um fogo de chão, Sérgio, com menos de 10 anos, surgiu para discursar em cima de um caixote de madeira. Falou de algumas coisas que, em sua mente infantil, condiziam com um bom discurso; ao descer, desequilibrou-se do caixote e caiu com as mãos em cima do braseiro, o que lhe deixou com cicatrizes nas palmas das duas mãos, para o resto da vida.

Ele era um sonhador, em uma palavra. Ele batalhava para isso, estudou, se formou, se aperfeiçoou. Inclusive, na lápide dele, no cemitério Santa Rita, está escrito que ‘onde houver injustiça, haverá luta’. Não sei se era dele essa frase, ou de um ídolo, mas ele usava bastante (LOPES, 2021).

Após ter se graduado educador físico, Sérgio fez um concurso para docente de ensino fundamental pelo Estado do Rio Grande do Sul, sendo alocado para a escola Érico Veríssimo, que fazia parte do PrEMEM – Programa de Extensão e Melhoria do Ensino Médio – voltado para escolas de formação profissional, estabelecido em 1971 durante a ditadura militar, e muito influenciado pelo sistema americano de formação. Segundo a amiga Cleunice Fialho, em entrevista realizada via aplicativo de mensagens, em áudio de 11 de abril de 2021, estes fatos já ocorreram entre 1978 e 1979: “ele era interessado no esporte em si; ainda não havia uma inserção política. Ele iniciou como militante quando começou, também, como professor, época em que houve uma primeira grande greve, com as assembleias lotadas” (FIALHO, 2021).

Assim, Sérgio ia para Porto Alegre participar das ações do CPERS/Sindicato – Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, circulando com colegas e tomando conhecimento de tendências políticas, posicionamentos, e, crescentemente, assumindo uma militância que tinha a esquerda como linha de ação partidária. Diz Cleunice:

Ele conheceu uma professora da antiga Fidene, hoje Unijuí, uma professora de história chamada Alda Olivieri. A formação da Fidene era bastante progressista. A professora Alda tinha visão de futuro, e Sérgio estreitou com ela uma amizade, ela lhe passava livros na biblioteca, e também foi do PT. Ele foi o primeiro candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores em Santa Maria, era um partido novo e defendiam a criação da Central Única dos Trabalhadores, a CUT. Por ser um partido pequeno, ele fez cerca de 500 votos. Eram meia dúzia de professores que iam ao microfone defender isso nas assembleias. Eram os que iam à frente dar a cara a tapa. Ele foi uma figura muito importante na formação política em Santa Maria, e na verdade, nunca foi reconhecido. Tinha formação e sabia conduzir uma fala em assembleia, tinha postura política, de argumentar com clareza. Podia comer uns ‘esses’, usava tênis e calça jeans (FIALHO, 2021).

Algumas pessoas preconceituosas, na época, focavam no vestir dele, no jeito de falar, como algo que o desabonasse. Quando, na verdade, a fala dele era de grande lucidez. Não havia como se opor a ele no nível

da argumentação; então, as pessoas faziam *bullying* e ficavam inventando desculpas, sobre ele não se vestir como um professor.

No fim dos anos 1980, ele foi candidato à direção de núcleo do CPERS, em Santa Maria; não foi eleito, e preferiu mudar-se para Porto Alegre, sendo transferido como professor da rede estadual. Já morando em Porto Alegre por alguns anos, em férias com a família na cidade de Santa Maria, com a passagem de ônibus já comprada para Porto Alegre, um amigo ia de carro com duas crianças e lhe ofereceu carona. Era uma pessoa confiável, de direção segura, portando duas crianças. Sérgio preferiu ir com o amigo, e eles vêm a sofrer um acidente de carro fatal, em 1991.

Com este breve histórico, podemos perceber que a Escola da Vila Renascença já nasceu em um ambiente de demarcações, de tensões; Sérgio Lopes, por sua vez, descobre-se um militante de esquerda quando começa a ser professor. No trânsito entre mundos possíveis, dizia que onde houvesse injustiça, haveria, também, luta; nada mais adequado que seu nome estar em uma escola feminista, anti-racista e de periferia. A E.M.E.F Professor Sérgio Lopes já traz, no berço, uma identidade de busca de autonomia e, que com algum tempo de amadurecimento, da autoria aos seus professores. Esta Escola, cujo endereço fica perto da ponte, faz parte de um caminho de transição simbólica. O Arroio Cadena que separa duas realidades sociais bastantes distintas, mas juntas, uma ponte e uma escola, tratam de aproximar estes espaços geográficos e também, imaginários.

2 UMA ESCOLA E UMA PONTE; UMA ESCOLA É UMA PONTE

Tânia Micheline Miorando
Gabriella Eldereti Machado
Jéssica Dalcin da Silva
Roberto Silva da Silva
Sabrina Copetti

Os projetos de extensão realizados na Escola pretendem sempre dar autonomia aos professores e aos alunos, por meio da experiência de diferentes linguagens – em especial, a do audiovisual. Com isso, a proposta sempre recorre a curtas-metragens, filmes e documentários como dispositivos para o despertar da experiência, do assistir e do ler o mundo para além da nossa realidade. Sabemos que, nem sempre, o ato de ver uma peça de cinema no espaço da sala de aula é pensado para aquele momento. Muitas vezes, vem com a intenção de, meramente, entreter e distrair um grupo de alunos, ou seja, como mero passatempo. Em outros momentos, traz a literalidade dos temas da docência ou do imaginário do conteúdo, como trazer um filme de guerra para tratar de dado momento histórico. Todas estas situações de nada servem, se não houver discussões e intencionalidade para além do filme em si.

Figura 7 - Crianças desenham o que compreenderam do curta-metragem que assistiram, e como podem colocar esta mensagem em suas vidas



Fonte: Autores.

Com este pensamento, o GEPEIS traz duas frentes de ação, junto aos alunos e junto aos professores da Escola. Primeiramente, com o projeto Cinegrafando, que amplia as perspectivas dos alunos do 5º ano, propondo curtas metragens para pensarem na vida, na comunidade e em como melhorar a relação no dia a dia com colegas, família, e consigo mesmos. Simultaneamente, em outro espaço na Escola, é feita a formação docente por meio de teoria de criação de roteiro, estruturas narrativas, técnicas e linguagem do cinema. Este momento, ocorrido em duas horas, apenas uma vez ao mês, é fonte de alegria e espera pelos estudantes, pois marca uma atividade diferente da rotina escolar.

Ao mesmo tempo em que os professores desenvolvem um olhar diferenciado sobre o uso de técnicas e do próprio audiovisual para suas atividades, os estudantes se apropriam destas linguagens para, no fim do ano, desenvolverem suas histórias e narrativas, de modo simples, porém, muito engajado.

Ao término do ano letivo, os estudantes são convidados a mostrar suas produções para os colegas, em um encontro que promove o momento de admirar o trabalho de si e do outro, olhar para a trajetória do ano que se encerra e lembrar dos momentos das gravações, de como os colegas se fizeram amigos, interagiram e dividiram tarefas. Em como o trabalho conjunto ganhou forma e conteúdo, transformando-se em uma peça gráfica, que é, também, um pedacinho de registro do momento de vida de cada um. Todo esse envolvimento causa transformações profundas no entendimento que cada criança tem do seu espaço e do outro, em como podem se dar grandes descobertas, apenas pela mudança de perspectiva do olhar sobre a vida, proporcionada pela linguagem do cinema.

3 PROJETO CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO E A PARCERIA COM O OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS

Desde 2014, o Gepeis deu forma aos projetos envolvendo cinema, por meio do Cinegrafando a Educação e seus desdobramentos; e, nos anos de 2019 e 2020, de iniciativas integrantes do Observatório de Direitos Humanos da Pró-Reitoria de Extensão, promovidos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), detalhados a seguir.

4 CINEGRAFANDO A EDUCAÇÃO – EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM CINEMA

4.1 ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social – GEPEIS – vem, nos últimos vinte e sete anos trabalhando com pesquisa, ensino e extensão na área de Formação de Professores, alicerçado no campo teórico do Imaginário Social de Castoriadis. Participam deste grupo alunos colaboradores e bolsistas de iniciação científica da graduação, mestrandos, doutorandos e professores de escolas da rede municipal e estadual e, ainda, de instituições de ensino superior. Este foi um projeto que intencionou – ao longo dos anos 2014, 2015 e 2016 - construir relações e vivências de professores com o cinema.

Figura 8 - Crianças na Biblioteca da Escola, discutindo como organizar os grupos para seus roteiros e suas filmagens



Fonte: Gabriela Elderetti Machado.

De um lado, no que se refere às suas histórias pessoais e profissionais e às formas pelas quais o cinema nelas se faz presente, buscando compreender as visões e concepções, os saberes e fazeres docentes acerca desta arte em suas vidas. Do outro, interrogamos não somente a forma como o cinema se faz presente ou as razões de sua ausência no trabalho docente e no cotidiano da escola, mas também cuidamos por conhecer os significados e sentimentos inscritos nos encontros dos docentes – e as suas práticas – com o cinema, dentro e fora da escola. Essa ação extensionista consolidou, através da mediação do cinema como dispositivo de formação, as parcerias entre

Universidades federais, estaduais e privadas, Institutos Federais de Educação, ONGs, escolas da rede municipal e estadual de ensino. A proposta de trabalho para o ano de 2014 foi a de ampliar as parcerias com a concepção de subprojetos institucionais, chegando a regiões, até então, não atendidas pela formação em cinema e educação.

Um dos objetivos alcançados por este projeto foi ter promovido a parceria entre alunos e professores das escolas públicas com os integrantes do GEPEIS, capacitando-os para o uso do cinema na escola e o trabalho interdisciplinar. Outro objetivo foi ter proporcionado uma formação continuada aos professores que desejavam trabalhar com o cinema, desafiando tanto estes quanto os seus alunos a produzirem roteiros e realizarem produções cinematográficas. Nessa formação, ao assistirem filmes juntos, conseguiram refletir sobre o uso do cinema na sala de aula, bem como discutir acerca dos seguintes temas: gênero; orientação sexual; identidade de gênero; diversidade étnico-racial; infância; adolescência; inclusão; diversidade religiosa. Despertando o interesse dos alunos e professores por esta prática.

Figura 9 - Mestrandos e Doutorandos do GEPEIS auxiliam na orientação das turmas



Fonte: Gabriela Elderetti Machado.

Neste projeto também foi possível planejar roteiros e produzir curtas-metragens com os alunos e professores das escolas, trabalhando desde o roteiro até a edição, passando por cenografia, filmagem, iluminação, sonorização, etc. Nas pesquisas e nos encontros com os professores no “Cinema Itinerante”, foi observado que está instituído no imaginário dos mesmos que o cinema nacional não merece atenção, por não ser entendido como um cinema de qualidade. O GEPEIS, através de seus projetos, está ciente de que é longo o caminho

a ser percorrido em busca da formação de um novo imaginário quando se trata não só de cinema nacional, mas de cinema por si só.

Ao mesmo tempo, quando se fala de educação como cultura, não se pode esquecer que tal dimensão se encontra diretamente relacionada aos aspectos econômicos e sociais. Pois aquilo que entendemos simbolicamente passa, necessariamente, pelos modos com que nossa sociedade se relaciona com todas as suas dimensões. Portanto, fazer referência às práticas culturais dos professores é também refletir sobre a dimensão econômico-social em que eles estão inseridos. Por exemplo, em que medida o acesso à cultura é permitido, se pensarmos na realidade dos docentes?

Em uma sociedade marcada pelas diferenças sociais, não existe mais lugar para que se “martele” uma similaridade homogênea, uma categorização, pois é intensa a inserção das pessoas em uma estrutura social mista e híbrida, que se realiza das mais diversas formas. Quando pensamos neste projeto para a educação, observou-se que ele traduz, através da reprodução de modelos ou teorias educativas que, muitas vezes, acabam fracassando devido a uma insuficiente reflexão sobre a sua eficácia, frente aos difíceis contextos escolares.

Ao mesmo tempo, a formação passa a ser revista no sentido de ser dada maior ênfase à pessoa “professor”, na medida em que não existe separação entre esta e o ser docente. O “manto” do professor acompanha muito próximo a figura da pessoa, pois o aspecto social do professor tem muita sensibilidade.

Figura 10 - Estudantes se reúnem para assistir aos curtas-metragens propostos



Fonte: Gabriela Elderetti Machado.

A cultura, entretanto, não é simplesmente cada uma destas instituições, mas um cenário que se cria, em que várias destas situações podem surgir. Ou seja, a cultura compreende tanto os valores imaginários, como os processos cotidianos, que é quando a vida, de fato, acontece e alimenta a nossa realidade de simbolismos. Existem diferentes elementos que, combinados entre si, mostram a possibilidade de interiorizar os significados a partir de experiências que consideramos diferenciadas, ocorridas na infância e na adolescência.

Por isso, em 2018, foram feitos diversos encontros na Escola, dando continuidade ao que estava sendo trabalhado no ano anterior, mas ampliado a novas temáticas envolvendo o cinema e a possibilidade de trabalhar assuntos relacionados à inclusão. No que diz respeito à formação de professores, além da professora regente da turma do 5º ano da escola, a Profa. Lilian Roberta Ilha Saccol, participante do projeto no ano anterior, uniu-se em bidocência outro professor, que por ser deficiente visual, nos indagou e auxiliou na temática inclusiva com audiodescrição: o Prof. Daverlan.

Vale salientar a vinda destes dois docentes no GEPEIS, em uma tarde na UFSM, para compartilhar não apenas o que o cinema provocava nos estudantes, mas também nas profissões e subjetividades dos professores. Mostraram que o cinema apresenta-se como um desestabilizador, na medida em que tira os estudantes da zona de controle do professor, levando-os para fora da sala, fazendo-os trabalhar em grupos. Enfim, saindo da relação na qual o professor ensina e os estudantes aprendem; afinal, o cinema coloca todos como espectadores ou atores no processo.

Inicialmente, a proposta era a realização de oficinas para os alunos do 5º e 6º anos, onde, além da apreciação de filmes, eles teriam a possibilidade de produzir peças audiovisuais, assim como havia ocorrido em 2017. Os professores demonstraram muito interesse pelas ideias, e foi aberta uma lista, onde os alunos interessados pudessem se inscrever. Além de datas prévias, também foi acordado que os alunos teriam a possibilidade de

escolher o nome do projeto, que acabou sendo definido como “Artes-Filmes”. Os encontros foram realizados quinzenalmente, às quintas-feiras de manhã, tendo em vista que uma aluna com necessidades especiais também pudesse participar das atividades.

A primeira oficina ocorreu no dia 16 de maio de 2018, contando com a presença de muitos estudantes, sendo eles do 5º ano e dos anos finais do ensino fundamental. Neste dia foram exibidos os curtas produzidos em 2017, com os alunos do 5º ano e, em seguida, realizada uma conversa com os estudantes, a fim de saber quais filmes eles assistiam; se iam ao cinema; como interagiam com esse assunto.

Figura 11 - Os estudantes ficam maravilhados em conhecer outras realidades pelo audiovisual



Fonte: Gabriela Elderetti Machado.

Uma de nossas primeiras ações envolvendo o tema “inclusão”, foi o trabalho com audiodescrição, um componente da linguagem cinematográfica que dá acesso para que a comunidade cega possa, também, desfrutar da sétima arte. Iniciamos trazendo para a turma uma explanação sobre o que compõe a audiodescrição, como ela deve ser feita, etc, contando, claro, com a ajuda do professor Daverlan. Em seguida, exibimos o curta-metragem brasileiro chamado “No Seu Lugar”, dirigido por Mariana Polo Garotti, com audiodescrição. Nele, uma criança se imagina no lugar do avô, que tem deficiência visual. A partir daí, todos os materiais audiovisuais produzidos pelos alunos foram audiodescritos.

4.2 ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE CHEGOU?

O Cinegrafando difundiu-se em outras ações, como no caso do “Cinema Itinerante”, que no ano de 2017 realizou atividades na Escola Professor Sérgio Lopes, como, por exemplo, espaços de formação docente sobre cinema, com base em discussões sobre a Lei 13.006/2014, incentivando a divulgação das produções do cinema nacional. E a partir dessa ação, a escola criou o cineclubes “Cine Renascença”, experiência que projetamos para estar mais juntos e implicados, discutindo as condições para outros importantes envolvimento.

Figura 12 - Divulgação da sessão feita para a Comunidade da Renascença



Fonte: Autores.

A partir do ano de 2018, as oficinas de produção de cinema, realizadas com estudantes da escola, passam a tratar e discutir sobre temas ligados a área dos Direitos Humanos, como: violência contra as mulheres; gênero; padrões de beleza; machismo; racismo; entre outros. As produções de curtas-metragens são feitas pelos estudantes, que planejam ativamente todas as etapas da produção de cinema. Estas iniciativas tiveram grande participação e incentivo da Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, com o apoio do Observatório de Direitos Humanos.

A partir de 2019, o Cinegrafando a Educação, com o amadurecimento conquistado nas edições anteriores, passou a ter ainda mais envolvimento com a proposta de oficinas de cinema para alunos/as da escola, e a formação continuada para docentes. O projeto seguiu com as relações e as vivências de alunos/as e professores/as com o cinema, por meio de suas histórias pessoais, profissionais e discussões, aprofundando as relações com a comunidade, como com a iniciativa Cinbeclube Renascença, e também, na discussão de temas relacionados aos Direitos Humanos.

O projeto de formação docente da Escola Sérgio Lopes contou com a presença, embora variável, de sete professores. A última segunda-feira do mês proporcionava, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos de diálogos formativos sobre o imaginário e o cinema aos professores, durante seis encontros. Os temas evoluíram conforme a disponibilidade dos presentes, passando pelos seguintes assuntos: sinopse; roteiro; construção da narrativa; moral do conto; a proposta de um minuto criativo de filmagem, chamada de “Minuto Lumière”; edição; enquadramentos; voz *off*.

Pela descrição acima, é possível perceber o interesse dos professores tanto em assuntos flexíveis e criativos como em temas mais técnicos. Dentro das limitações próprias de uma escola municipal, foi proposto que os professores filmassem, com o celular, um minuto de algo que considerassem muito representativo de suas trajetórias escolares. Sobre esta filmagem parada, ou seja, filmando uma imagem só (que tem, tecnicamente,

o nome de *still*), foi feita uma narração pelo próprio professor, que teve a liberdade de colocar poeticamente os seus significados pessoais sobre o que foi filmado.

Após esta captação e sincronização com o áudio, foi escolhida uma ordenação desses “Minutos Lumière”. A ordem foi escolhida pelos professores, contando uma história em que todos que ali convivem, vão sair marcados por esse ambiente tão peculiar. Geograficamente, a Escola Sérgio Lopes vive em um espaço com a presença de uma ponte que liga o bairro mais central à vila Renascença. Assim, a ponte foi escolhida como metáfora para a transformação dos professores e dos alunos que, por meio da educação, constroem juntos um futuro mais digno, resultando em um curta-metragem que pode ser acessado pelo [link](#).

Entre as aprendizagens e desaprendizagens que vivemos nesses momentos, podemos destacar a timidez das crianças em falar para o grande grupo, mas também a potência do cinema naquele espaço. Para mexer na estrutura das turmas e promover uma formação de público para o cinema e com o cinema entre os alunos.

Figura 13 - Atividades realizadas em um encontro com os envolvidos no espaço sustentável Casa Círculo, em Santa Maria, RS, realizado em novembro de 2019



Fonte: Autores.

Como finalização das atividades desenvolvidas na escola, organizamos uma Mostra na Casa Círculo, que tem o seu espaço e a sua arquitetura como exemplos de sustentabilidade. Além da exibição dos trabalhos das crianças e professores, foram convidadas outras escolas parceiras do Município de Santa Maria para se fazerem presentes, trazendo as suas produções. Sempre promovendo a formação de docentes para vivências de exercícios fílmicos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Sérgio Lopes, além das oficinas de produção de cinema com estudantes. Nessa mostra tivemos a participação de estudantes da Escola Estadual

Irmão José Otão, representada no trabalho do Professor Roberto Silva da Silva, integrante também do GEPEIS. Diz ele:

No dia 29 de novembro de 2019, a turma 101 da Escola Estadual de Educação Básica Irmão José Otão participou do Evento “Telas Humanas”, promovido pelo Gepeis e com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFSM. Foi uma oportunidade de formação para os jovens produtores de cinema escolar com outros estudantes, também apaixonados pela arte de fazer e de apreciar cinema. O compartilhamento de vivências juvenis e de educadores propiciou aos estudantes – e ao educador que os acompanhava – uma abertura de horizontes, no que se refere a enxergar as possibilidades de envolvimento da prática do cinema no meio escolar (SILVA, 2021).

Figura 13 - A Casa Círculo estimula a participação de escolas públicas no seu espaço de desenvolvimento cultural, como forma de educação para a preservação ambiental e um olhar de futuro



Fonte: Autores.

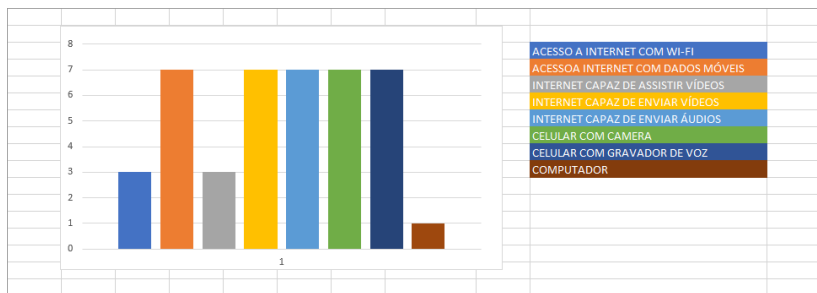
5 E A PANDEMIA?

Não podemos deixar de dizer que os projetos em andamento em 2020 e 2021 tiveram diversas dificuldades durante o período de pandemia, como qualquer outro projeto que tenha por base as relações interpessoais e o convívio entre as pessoas. No entanto, foi possível, através de um diálogo constante com todos(as) envolvidos(as), construir adaptações para que ele se desenvolvesse. Os problemas principais encontrados foram quanto ao acesso dos(as) estudantes a dispositivos tecnológicos. Tal dificuldade se apresentou pelo fato de não ser possível realizar o projeto presencialmente, como era nos anos anteriores, em que era disponibilizado dispositivos tecnológicos para realização das atividades pelos(as) estudantes.

Em 2020, foi feito um levantamento junto das turmas, para mapear o acesso tecnológico dos estudantes. Os professores receberam um questionário e uma tabela para preenchimento, de modo que cada aluno pudesse descrever como estava realizando as atividades. Estes dados foram transformados em gráficos para melhor visualização das informações, conforme pode ser visto abaixo.

1º ANO

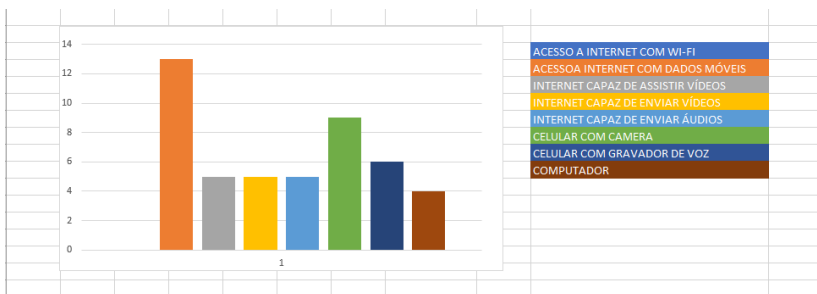
Gráfico 1 - 1º Ano



Fonte: Autores

2º ANO

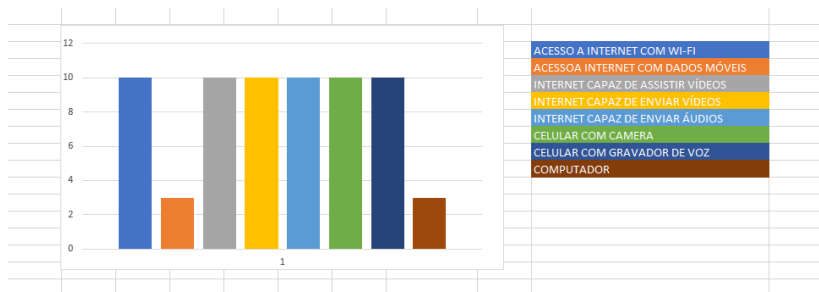
Gráfico 2 - 2º ano



Fonte: Autores

3º ANO

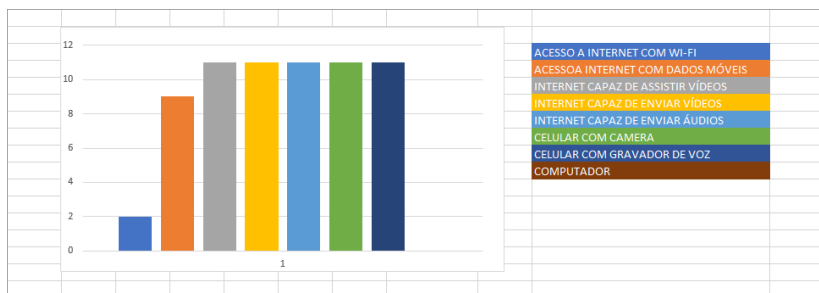
Gráfico 3 - 3º ano



Fonte: Autores

4º ANO

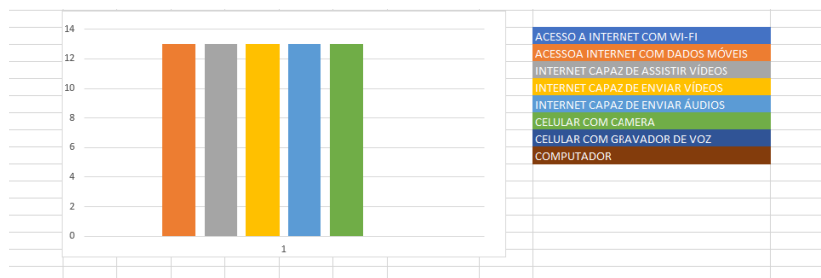
Gráfico 4 - 4º ano



Fonte: Autores

5º ANO

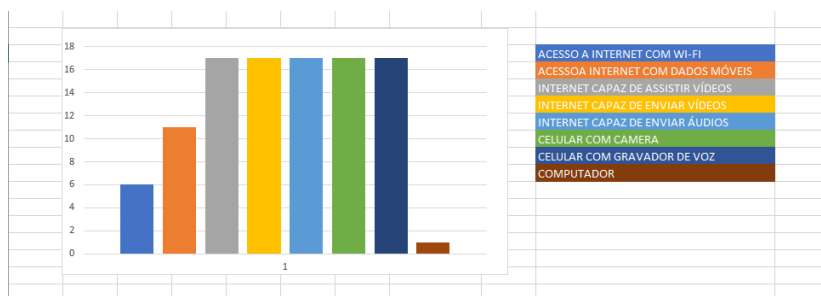
Gráfico 5 - 5º ano



Fonte: Autores

6º ANO

Gráfico 6 - 6º ano



Fonte: Autores

Apesar disso, encontraram-se outros caminhos para que fosse possível a realização das propostas, como a possibilidade de envio e de retornos em diversos formatos: desenhos; áudios; escritos; etc. Com o intermédio dos(as) professores(as), houve muito a ser observado durante as entregas das atividades propostas, principalmente quando observamos a reação das crianças a elas. A partir disso foi possível perceber que houve um ganho secundário, visto que muitas mães e mulheres próximas, que detinham o amor dessas crianças, puderam ver esse sentimento ser verbalizado e demonstrado. Tudo isso se revelou, mesmo sem querer, em uma forma de expressar afeto durante esse momento de tanta insegurança e preocupação.

Podemos perceber que os projetos que realizamos seguem mostrando-se potentes em suas relações com a comunidade externa à UFSM. E que apesar de ter sido um período mais que difícil, conseguimos manter a sua veia pulsante e sempre engajada em contribuir para os diálogos da sociedade, seja pela voz dos integrantes ou pelas produções dos(as) estudantes da escola, junto com seus professores e famílias. Foram criadas propostas por parte dos bolsistas e equipe do Cinegrafando, elas foram enviadas aos professores que serviram como intermédio entre a equipe e as crianças da Escola Professor Sérgio Lopes. Essas propostas trabalhavam aspectos criativos e reflexivos das crianças, fazendo-as refletir sobre o ambiente em que vivem e sobre as mulheres que as inspiram. Também houve a criação de panfletos, convidando para os encontros de formação da equipe e,

para o período de recesso escolar, o convite para assistir a filmes com audiodescrição, para melhor entenderem esta linguagem.

Dessa maneira, é possível dizer que o saldo foi positivo, dentro de uma experiência de aprendizado para todos, e de rever capacidades e formas de fazer a educação, pois foram alcançados objetivos nem imaginados ao começo desse processo. E, apesar das dificuldades, o projeto seguiu ativo na produção de um curta-metragem documental, com os materiais enviados pelos(as) estudantes da Escola sobre as suas aprendizagens nesse momento tão diferente de nossas vidas. Apesar da COVID-19, o grupo conseguiu desenvolver um trabalho de rotina regular, com reuniões semanais entre os membros do Cinegrafando, em que eram discutidos temas relacionados ao universo audiovisual; e mensais com os(as) professores(as) da Escola, motivados(as) para contribuir de modo criativo e responsável com o projeto. Por esses motivos, foi possível atingir um grande acervo documental, que apresenta o olhar dos(as) estudantes durante o período de educação em ambiente remoto. E que por ser um retrato do momento pandêmico pelo olhar das crianças, acaba se tornando, também, um registro deste momento tão peculiar da história, mas pela percepção das crianças de periferia – um olhar tão dificilmente captado e considerado.

6 DEPOIMENTOS DOS BOLSISTAS

Gabriel Beiró, bolsista do Observatório de Direitos Humanos (ODH), 2019:

Sabia que existiam grupos de pesquisa com temas interessantes no Centro de Educação (CE), não achei que fosse conseguir fazer parte de algo assim antes de me aproximar. O cinema na educação era algo que eu achava muito bonito, mas sem pensar que cinema poderia ser feito na escola; cinema só poderia ser hollywoodiano, sem ser algo com maior aprofundamento, ou propriamente com fundamento educacional, ou político. Minhas reflexões eram fechadas, muito em perspectivas pessoais de uma lógica mais linear, inclusive para pensar a arte. Percebi que a educação e a arte não se relacionavam de maneira idealizada, uma vez que a própria educação não acontece da maneira que imaginamos dentro da escola: o ensino acontece de maneiras subjetivas nesse meio. Ainda que eu imaginasse que fosse impossível me aproximar da educação, abri minha mente para a pesquisa dentro do âmbito público. Além disso, pude aprender sobre cinema para poder ensinar às crianças. As técnicas aprendidas em questão artística no ambiente escolar foram diversas também, principalmente pela escola ser de periferia, me ajudando a compreender realidades diferentes das que eu vivo. Ver as crianças empolgadas com o projeto é de arrepiar, certamente é algo que levo para a vida, pois nunca senti que pudesse mudar a maneira como alguém vê o mundo, até participar do projeto. Apesar do

nervosismo que as tarefas de bolsista me incumbiam, sentia-me extremamente grato por fazer parte da experiência, justamente por causa dos estudantes. Nunca tinha conhecido uma realidade como a da escola onde realizamos o projeto; me senti sensibilizado, pois as crianças tinham histórias tão diferentes da minha, e graças à metodologia aprendida no GEPEIS, pude conhecer mais delas, ajudando-as a contarem suas histórias através do cinema. Como pessoa passei a olhar o mundo de uma forma menos discriminatória. Acredito que a democratização do acesso à arte em geral, pelas pessoas de baixa renda, como as que estavam na EMEF Professor Sérgio Lopes, seja muito necessária para evoluirmos socialmente.

João Vitor Silva Pontalti, bolsista do Observatório de Direitos Humanos (ODH), 2020:

Uma preocupação constante durante a concepção do curta documental, sobre a realização das atividades e seus resultados, foi a questão da acessibilidade. Contamos com a ajuda do professor Daverlan Machado, este que é professor nesta mesma escola. Visto que possuía experiência prévia trabalhando com audiodescrição, consegui me situar bem em relação ao que estava acontecendo e às novas formas de encarar o cinema, cada uma delas variando conforme cada forma de acessibilidade necessita. Tomar a iniciativa de assistir obras audiovisuais com audiodescrição, até mesmo algumas mais conhecidas, de olhos fechados e tentando

seguir a imaginação nesta forma de acessibilidade, me fez experimentar na pele aquilo que para muitas pessoas é uma necessidade. Acredito que o mundo deve ser experimentado e vivenciado por todos, também acredito que a arte é algo que todos precisam ter acesso, independentemente de quem for. No entanto, para que isto ocorra, deve-se contar com muita dedicação, carinho e atenção aos detalhes, algo que por vezes sinto que me passa batido; porém, agora entendo um pouco melhor o valor desses pequenos detalhes, que não são nada “pequenos”, e que fazem toda a diferença para muitas pessoas, inclusive para a qualidade do próprio trabalho desenvolvido.

7 APRENDENDO E DESAPRENDENDO COM O CINEMA NA ESCOLA – ALGUMAS MEMÓRIAS, TANTOS DESAFIOS...

Lilian Roberta Ilha Saccol

Desafiada a escrever nesse espaço, que busca materializar um projeto de memórias sobre as vivências e experiências da escola com a universidade e da universidade com a escola, sinto-me convidada a voltar no tempo. Mais especificamente, ao início de 2016, quando pela primeira vez cruzei a ponte que demarca o início de um espaço, de um lugar, que abraça uma escola.

Não é qualquer lugar, não é qualquer escola. Feita a travessia, não sabia eu que, a partir dali, seria impossível voltar a ser quem era. A Vila Renascença e a Escola Professor Sérgio Lopes possuem uma peculiaridade que não sei explicar. Mas para habitar esses espaços é preciso vontade e um esperar constantes.

Esse ambiente escolar é feito por gente que sonha e que acredita que a educação muda a vida das pessoas. Clichê? Pode ser. Mas ser professor/ professora nesse espaço é diferente de qualquer outra experiência. Convivemos com meninos e meninas potentes e sonhadores, mas que conhecem da vida e da sociedade toda a sorte de mazelas e dificuldades. Fomentar sonhos ali, vai muito além de contar histórias e passar uma lição

ou, ainda, determinar quais páginas do livro didático devem ser preenchidas. É preciso mais! E é aqui que o cinema entra na minha história.

Era junho de 2017, eu cursava o mestrado na Universidade Federal de Santa Maria e atuava como professora do 5º ano na escola Professor Sérgio Lopes pela manhã e em outra escola municipal durante a tarde.

A turma para a qual eu ministrava aulas na Sérgio Lopes era composta por crianças e jovens que enfrentavam desafios de toda ordem em casa. Na escola, todos os medos e angústias afloraram e tornaram a convivência muito difícil. Certa manhã precisamos da intervenção da Brigada Militar na escola. Pensei em desistir, mas como professora precisava acreditar que poderia fazer algo mais, tentar mais uma vez.

Então, em uma certa segunda-feira, projetei o filme brasileiro *O Contador de Histórias* (2009), direção de Luiz Villaça, e percebi que a história do menino Roberto Carlos, protagonista do filme, se parecia um pouco com a história dos meus meninos e meninas dentro daquela sala de aula. Quando contei a situação para a minha orientadora do mestrado, ela sugeriu que a produção de audiovisuais para essas crianças poderia ser uma forma de dar-lhes a chance de também contar as suas histórias, de serem protagonistas. E foi.

Nesse meio tempo, conheci a Gabriela Eldereti, mestranda da professora Valeska, que pretendia iniciar um projeto de formação de professores na escola Sérgio Lopes. Ela contou-me sobre o GEPEIS, e que poderia articular uma parceria para oferecer oficinas de cinema aos meus estudantes.

Desse modo, nasceu a minha dissertação de mestrado, fruto de um projeto para atender uma necessidade real daquela turma de estudantes. Como aconteceu? Comecei a ler Adriana Fresquet, uma argentina que fala de cinema e educação de tal forma que encanta e motiva para qualquer empreitada nessa área.

A metodologia do estudo proposto (SACCOL, 2018), fora a pesquisa-ação, na qual Gil (2010), pressupõe pesquisadores e pesquisados envolvidos no processo de pesquisa, sendo que os primeiros desempenham papel ativo na produção, análise e interpretação dos dados. Além disso, há uma flexibilidade no que tange a ação dos pesquisadores e do grupo pesquisado, nos mais diversos momentos da pesquisa. A espiral reflexiva da pesquisa-ação, Kemmis (1988), que sintetiza cada uma das etapas do estudo: planejamento, ação, observação e reflexão sobre o processo, levou à evidência de categorias de análise para o estudo, por meio dos instrumentos de produção de dados. Foram eles, respectivamente: a observação participante e o questionário de autoavaliação, uma vez que se considerou a importância de, ao final do estudo, saber das impressões e percepções dos sujeitos sobre a pesquisa. Para tanto, foi aplicado um questionário de autoavaliação.

Em agosto de 2017, dando continuidade ao projeto, um grupo de acadêmicas do curso de Pedagogia entrou na minha sala de aula para oferecer a primeira oficina de cinema aos estudantes, uma importante etapa do estudo. Esse fato marcou o início de uma parceria

entre escola e universidade, que acontece até hoje por meio do “Cinegrafando”, projeto de extensão do Gepeis e da Escola Sérgio Lopes. Nesse momento, houve a preocupação da professora com os estudantes fora do espaço da sala de aula, sem supervisão e, de imediato, remete-se às palavras da pesquisadora Adriana Fresquet:

A escola é o lugar da regra, da ordem, da transmissão de determinados saberes considerados essenciais para a formação das crianças e dos adolescentes. O cinema entra na escola como um germe de caos e desordem (2013, p. 45).

Assim, aquela movimentação confirmava as palavras da autora e, ao mesmo tempo, assegurava que estavam sendo trilhados os primeiros passos em direção à inserção do cinema na escola, permitindo aos estudantes um trabalho autoral.

O estudo, sinteticamente, apontou os seguintes resultados: a autoria e coautoria ao dirigir seu próprio filme permitiu que cada estudante experimentasse a aprendizagem que resulta do processo, de cada tomada de decisão, da criação, da construção de roteiros, do percurso de construir-se, de eleger preferências, de decidir os rumos do trabalho, de buscar alternativas, de recrutar colaboradores; vivenciando as sensações de frustração; curiosidade; surpresa; (des)contentamento e superação. O empoderamento que somente estudantes que se colocam de forma ativa no processo de construir conhecimentos podem experimentar. Nesse contexto, a produção audiovisual na escola, destacou-se como uma

linguagem que permite aos estudantes, para além das aprendizagens escolares, a aprendizagem da criação, que envolve criatividade, emoções, sensações, subjetividades e conhecimento do outro.

Convém destacar aqui que a E.M.E.F. Professor Sérgio Lopes é uma escola que dá autoria aos professores e aos estudantes, viabilizando a execução de projetos como o aqui descrito. Assim, no ano seguinte, em 2018, continuamos com as oficinas de cinema para uma turma do 5º ano que, entre os estudantes, encontrava-se uma menina cega.

Em maio do mesmo ano, iniciei a bidocência com o professor Daverlan Dalla Lana Machado, recém integrado à rede municipal de Santa Maria, como pedagogo dos anos iniciais, e também cego. Grande desafio, quantas aprendizagens! Além de aprender na prática como desenvolveríamos a bidocência junto aos estudantes do 5º ano, também tínhamos a preocupação de incentivar a produção de audiovisuais acessíveis, com audiodescrição.

8 A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL NOS ANOS INICIAIS: APRENDER A FAZER, FAZENDO!

Daverlan Dalla Lana Machado

Lilian Roberta Ilha Saccol

Figura 15 - Profs. Daverlan e Lilian com uma aluna no evento Telas Humanas



Fonte: Autores.

Como mencionado anteriormente, eu, Daverlan Dalla Lana Machado, com então 25 anos e cego há 17, iniciava, em maio de 2018, a minha carreira como pedagogo de anos iniciais na prefeitura de Santa Maria/RS, mais especificamente, na E.M.E.F Professor Sérgio Lopes. Cheguei na turma de 5º ano desta escola para,

juntamente com a Professora Lilian Saccol, realizar a bidocência, uma ideia de educação inovadora nos anos iniciais de toda a região central do Estado. Ou seja, dois pedagogos trabalhando juntos e ao mesmo tempo frente aos estudantes, formando uma parceria, mais ou menos como um nado sincronizado.

Antes de ser docente da turma, o projeto de cinema já era do meu conhecimento, por todos os comentários existentes, tanto por profissionais da escola quanto por estudantes que dele participavam, e até mesmo por aqueles estudantes que ainda não estavam no 5º ano, mas já alimentavam a vontade de participar, assim que fosse possível. Sob toda essa expectativa, comecei a docência justamente em um momento em que o tema trabalhado era aquele que fazia e faz parte de todos os meus dias, de forma muito importante e significativa, que é o som. Neste caso, a sonorização, ou a sonoplastia, envolvida na produção audiovisual.

Para o trabalho com a sonoplastia proposto na oficina, os estudantes trouxeram para a sala de aula, materiais como: copo com água; madeira; embalagem para presente; copo com areia; etc. E, na simplicidade desses materiais, exercitaram a construção colaborativa, de forma organizada e produtiva, da sonoplastia de um curta-metragem. A potência desse trabalho é revelada na fala de uma estudante:

Eu me senti inspirada e feliz, porque todos fizemos tudo, juntos, sem brigar, xingar. Foi o milagre da sonoplastia. Eu amei ser uma sonoplasta e ouvir os

sons que fizemos juntos (ESTUDANTE DA E.M.E.F SÉRGIO LOPES, 2018).

Pois, como nos diz o pesquisador José Manuel Moran (2018, p. 3):

A sala de aula pode ser um espaço privilegiado de cocriação, *maker*, de busca de soluções empreendedoras, em todos os níveis, onde estudantes e professores aprendam a partir de situações concretas.

Ao acompanhar aqueles momentos de produção, com muito empenho na realização daquela atividade que parecia tão complexa e, por termos uma aluna cega e agora um professor também com a mesma deficiência, surgiu o questionamento: Por que não fazer as próximas produções com áudio-descrição?

Passado o susto inicial, tamanho era o desafio, dali em diante todas as produções audiovisuais feitas pelos estudantes do 5º ano passaram a conter audiodescrição. O que abriu muitas possibilidades de trabalho com conteúdos do currículo escolar.

Como a audiodescrição nada mais é do que a descrição em palavras de imagens ou cenas que foram construídas pelos próprios estudantes, eles passaram a ter uma melhor compreensão na formulação de frases; melhor noção de espaço/tempo, uma vez que as imagens precisavam ser descritas em um tempo determinado e precisavam ser claras; tiveram novas noções de história e de geografia ao pesquisarem e aprenderem de que local,

quando foi e quem trouxe determinados elementos ou invenções para as produções audiovisuais; e assim por diante.

Desse modo, desde o segundo semestre de 2018 até o final de 2019, foram produzidos, pelo menos, sete curtas com audiodescrição e com temas relevantes para a comunidade escolar. Todos eles produzidos, dirigidos, roteirizados, encenados e filmados pelas próprias crianças. Com isso, podemos perceber e confirmar quão rica e valorosa podem ser as aprendizagens constituídas em nossas salas de aulas, quando imbuídas no trabalho por projetos, com ideias e parcerias que permitem o constante diálogo entre escola e universidade.

Também faz-se necessária a reflexão de que, por mais escasso que sejam os recursos, sempre é possível realizar trabalhos potentes, quanto mais acreditarmos na capacidade dos nossos estudantes e no seu brilhantismo.

No contexto escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, produzir audiovisuais acessíveis, com o envolvimento de estudantes de diferentes turmas, por meio de trabalho em equipe e colaborativo, foi um passo à frente; no sentido de romper com metodologias que prezam por estudantes passivos e com o conhecimento centrado na figura do professor.

Os resultados vivenciados comunicam a postura ativa de estudantes e professores, construindo aprendizagens que extrapolam o currículo formal, de modo colaborativo. Nessa empreitada, os conteúdos formais foram tocados de modo prazeroso, por meio da aprendizagem autônoma dos estudantes, tendo como

pano de fundo do trabalho a inserção de metodologias ativas, cada vez mais urgentes e necessárias nos diferentes contextos escolares.

Assim, produzir audiovisuais acessíveis nas escolas, convida a refletir sobre outras e novas possibilidades de enredar os estudantes em metodologias em que eles sejam os verdadeiros protagonistas; e, com certeza, o cinema na escola constitui uma força potente nessa empreitada.

Figura 16 – A mestranda Karoline Regina Pedroso dos Santos em atividade junto das crianças



Fonte: Lilian Saccol.

Figura 17 – O bolsista Bruno Bitencourt em atividade junto das crianças



Fonte: Lilian Saccol.



REFERÊNCIAS

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação – Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola.** São Paulo: Autêntica, 2013.

LIONS CLUB SANTA MARIA-ITARARÉ. **2. Construção da Escola São Luiz-Vila Renascença.** Santa Maria, RS. Disponível em: <http://bressanh.org.br/obras.html#Sao%20Luiz>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MACKESY, Charlie. **O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo.** Rio de Janeiro: Editora Sextante; 1ª edição, 2020.

MORAN, José; BACICH, Lilian. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora:** Uma Abordagem Teórico-Prática. Porto Alegre: Penso, 2017.

Recomendações de leitura

NUNES, Célia Maria Fernandes et al. **Telas da docência: professores, professoras e cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, Valeska Fortes et al. **Cinema e educação: movimentos instituintes para a formação docente por trás das telas.** In: CAMARGO, Maria Aparecida; BRUTTI, Tiago; D'OLIVEIRA, Mariane (orgs). **CIDADANIA E DEMOCRACIA VIABILIZADAS POR MEIO DA SÉTIMA ARTE.** Curitiba: CRV, 2018.

OLIVEIRA, Valeska Fortes; MIORANDO, Tânia Maria; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. **“A Família Bélier”: pequeno universo de uma história em muitas línguas!** In: DINIS, M. et al (orgs.). **PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NO CINEMA.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2018.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Aprendizagens e desaprendizagens na docência pela experiência estética.** In: SILVA, Marco; ORLANDO, Cláudio; ZEN, Giovana (orgs). **DIDÁTICA: ABORDAGENS TEÓRICAS CONTEMPORÂNEAS.** Salvador: EDUFBA, 2019.

COPETTI, Sabrina; GEPEIS - UFSM. **Da minha Janela: documentário sobre infâncias na pandemia.** Santa Maria: UFSM, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/4wPUcli2KzA>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.



UFSM
PRE